Lição 5: A alteração não se encontra na primeira espécie de qualidade (forma e figura), nem na primeira (hábito e disposição)

A alteração não se encontra na quarta espécie de qualidade (forma e figura),

nem na primeira (hábito e disposição)

913. Porque o Filósofo havia suposto no argumento anterior que toda alteração ocorre em relação ao que é sensível, ele agora se propõe a demonstrar isso.

Primeiro, ele apresenta o que pretende;

Em segundo lugar, prova a proposição, a partir de 914.

Ele diz, portanto, primeiro (697) que, a partir do que se seguirá, deve-se considerar que todas as coisas que são alteradas são alteradas segundo qualidades sensíveis e que, consequentemente, ser alterado pertence apenas àquelas coisas que são *per se* afetadas por tais qualidades.

914. Em seguida, em (698), ele prova sua proposição *a maiori*.

Primeiro, ele coloca a proposição;

Em segundo lugar, prova certas coisas que supôs, a partir de 915.

Ele diz, portanto, primeiro (698) que, além das qualidades sensíveis (a terceira espécie de qualidade), a alteração parece ocorrer especialmente em relação à quarta espécie de qualidade, uma qualidade concernente à quantidade, a saber, forma e figura, e à primeira espécie, que contém hábitos e disposições. Pois quando tais qualidades são recentemente removidas ou recentemente adquiridas, a alteração parece estar envolvida — pois essas coisas parecem não poder ocorrer sem algumas mudanças, e uma mudança em relação à qualidade é alteração, como

foi dito acima.

Mas nas qualidades acima mencionadas da primeira e quarta espécies, não há alteração primária e principalmente, mas apenas em sentido secundário, pois tais qualidades seguem-se às alterações das qualidades primárias, como fica claro pelo fato de que, quando a matéria subjacente se torna densa ou rarefeita, resulta uma consequente mudança de figura. Da mesma forma, quando se torna quente ou fria, segue-se uma mudança em relação à saúde e à doença, que pertencem à primeira espécie de qualidade. Raro e denso, quente e frio são qualidades sensíveis, e assim fica claro que não há alteração na primeira e quarta espécies de qualidade primariamente e *per se*; antes, o recebimento ou a remoção delas são uma consequência de alguma alteração que afeta qualidades sensíveis.

A partir disso, também fica claro por que ele não faz menção à segunda espécie de qualidade, ou seja, potência e impotência natural. Pois é evidente que estas últimas não são recebidas nem perdidas sem uma mudança na natureza, que ocorre através da alteração. É por isso que ele não as mencionou.

915. Em seguida, em (699), ele prova o que havia suposto:

Primeiro, que a alteração não ocorre na quarta espécie de qualidade;

Em segundo lugar, que não ocorre na primeira espécie, em 918.

Quanto ao primeiro, ele apresenta duas razões. A primeira (699) baseia-se no modo como as pessoas falam. Aqui deve-se considerar que forma e figura diferem entre si no seguinte: a figura implica a terminação da quantidade, pois a figura é aquilo que é delimitado pelo termo ou termos; mas a forma é algo que confere aos artefatos uma espécie de tipo, pois as formas dos artefatos são acidentes.

Ele diz, portanto, que aquilo a partir do qual a forma de uma estátua surge não é chamado de forma, ou seja, a matéria da estátua não é predicada da estátua *in principali et recto*, e o mesmo vale para a figura de uma pirâmide ou de um leito; ao contrário, em todos esses casos, a matéria é predicada de modo denominativo. Pois dizemos que um triângulo é de madeira, de ouro ou de cera. Mas nas coisas que são alteradas, predicamos do sujeito a qualidade recebida pela alteração, pois dizemos que o bronze está úmido, forte e quente, e, inversamente, dizemos que a coisa úmida ou a coisa quente é bronze, ou seja, predicamos a matéria da qualidade e a qualidade da matéria. Em suma, dizemos que um homem é uma coisa branca e que alguma coisa branca é um homem. Portanto, porque nas formas e figuras a matéria não é predicada reciprocamente com a figura, de modo que um pudesse ser dito do outro *in principali et recto*, mas antes a matéria é predicada da figura apenas de modo denominativo, enquanto nas coisas que são alteradas o sujeito e a qualidade são predicados mutuamente, segue-se que nas formas e figuras não há alteração, mas apenas nas qualidades sensíveis.

916. Ele apresenta uma segunda razão em (700), baseada em uma propriedade da coisa. Pois é tolo dizer que um homem, uma casa ou qualquer outra coisa é alterado apenas por receber o fim de sua perfeição. Por exemplo, se uma casa se torna perfeita ao ganhar um telhado ou ao ser decorada ou cercada por paredes, é ridículo dizer que a casa está sendo alterada quando se torna

telhada. Também é claro que a alteração não afeta as coisas que vêm a ser, precisamente enquanto vêm a ser; antes, uma coisa se torna perfeita e vem a ser na medida em que recebe sua própria forma e figura. Consequentemente, a alteração não está envolvida no recebimento da figura e da forma.

917. Para tornar essas razões mais claras, devemos considerar que, de todas as qualidades em uma coisa, a figura é a que tanto segue a espécie quanto indica a espécie. Isso é particularmente evidente em animais e plantas, nos quais não há maneira mais segura de julgar a diversidade de espécies do que pela diversidade de figura. A razão para isso é que, assim como a quantidade é o mais próximo de todos os acidentes da substância, assim a figura, que é uma qualidade que afeta a quantidade, é a mais próxima da forma substancial. Daí que, assim como alguns filósofos supuseram que as dimensões eram as substâncias das coisas, também supuseram que suas figuras eram suas formas substanciais. É por essa razão que uma imagem, que é uma representação expressa de uma coisa, se baseia especialmente na figura, e não na cor ou em outra coisa. E como a arte imita a natureza, e um artefato é uma imagem de uma coisa natural, as formas das coisas artificiais são a figura ou algo próximo à figura. E, portanto, por causa da semelhança das formas e figuras com as formas substanciais, o Filósofo diz que o recebimento da forma e da figura não é alteração, mas perfeição. E é por isso também que a matéria não é predicada delas senão de modo denominativo, de maneira semelhante ao caso das substâncias naturais — pois não dizemos que um homem é terra, mas de terra (*terrenus*).

918. Em seguida, em (701), ele mostra que não há alteração na primeira espécie de qualidade.

Primeiro, quanto aos hábitos e disposições do corpo;

Segundo, quanto aos hábitos e disposições da alma (L. 6).

Quanto ao primeiro, ele apresenta este argumento: Os hábitos que estão na primeira espécie de qualidade, mesmo que sejam corporais, são chamados virtudes e vícios. Pois, em geral, a virtude de uma coisa é o que a torna boa e torna bom seu trabalho; daí, uma virtude do corpo é aquela segundo a qual ele é bem mantido em si mesmo e age bem, por exemplo, a saúde; ou, por outro lado, é um vício, como a doença.

Ora, toda virtude e todo vício são ditos em referência a algo. E isso ele torna claro com exemplos. Pois a saúde, que é uma virtude do corpo, é uma harmonia definida do quente e do frio, e digo que essa harmonia é em relação à devida proporção das coisas subjacentes, ou seja, dos humores, dos quais o corpo é composto, tanto em relação a si mesmos quanto ao que os contém, ou seja, ao corpo inteiro. Pois uma proporção de humores que seria saúde em um leão não seria saúde, mas destruição, para um homem, pois sua natureza não a suportaria.

O Comentador refere a expressão "ao que os contém" ao ar circundante. Mas a primeira explicação é melhor, pois a saúde de um animal não é considerada em relação ao ar; antes, a disposição do ar é chamada de saudável em relação ao animal.

Da mesma forma, a beleza e a agilidade são ditas em relação a algo ("agilidade" é tomada aqui como a disposição pela qual alguém está disposto ao movimento e à ação). Pois tais disposições estão em uma coisa que é perfeita em sua natureza em comparação com o melhor, ou seja, com o

fim, que é a operação. Pois, como foi dito, tais disposições são chamadas virtudes porque tornam seu possuidor bom e seu trabalho bom. Portanto, essas disposições são descritas em referência ao seu devido trabalho, que é o melhor de uma coisa.

Não adianta tentar explicar "melhor" em termos de algo extrínseco, como no caso do que é mais belo ou mais saudável, como faz o Comentador, pois é acidental à beleza e à saúde que sejam relacionadas a algo extrínseco disposto da melhor maneira possível; antes, o que é *per se* é sua relação com um bom trabalho.

E para que ninguém entenda por "perfeito" uma coisa que já atingiu seu fim, ele diz que "perfeito" é aqui tomado no sentido do que é saudável e disposto segundo a natureza. Mas não se deve supor aqui que tais hábitos e disposições são, por sua própria natureza, relações, pois, do contrário, não estariam no gênero da qualidade. O ponto é que sua definição depende de algum tipo de relação.

Portanto, porque hábitos desse tipo implicam uma relação, e na relação não há movimento, nem geração, nem alteração, como foi provado no Livro V, é claro que nesses hábitos não há alteração primária e *per se*; antes, uma mudança segue-se a uma alteração anterior do quente e do frio ou de algo desse tipo, assim como as relações começam a existir como consequência de certos movimentos ou mudanças.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:44:50 by Admin
Updated 1 October 2026 23:52:52 by Admin